5.º ANO LISBOA—SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1925 N.º 1442

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

OS jornais de Paris publicam os resultados da assembleia geral da Associação Sindical da Imprensa Estrangeira, realizada em Paris, no ultimo sabado e de que fazem parte os directores dos serviços parisienses dos maiores jornais do mundo.

Foi eleito presidente—em substituição do sr. P. Croci, nomeado recentemente director do *Corriéra della Sera*, de Milão—o sr. J. Nomé *(Giornale d'Italia)*, e vice-presidente o sr. Homem Cristo Filho *(Diario de Lisboa)*.

A eloquente prova de consideração de que foram objecto o sr. Homem Cristo Filho e o nosso jornal, é tanto mais lisongeira para o nosso país, quanto é certo que, em quarenta e sete anos de existencia que conta a Associação Sindical da Imprensa Estrangeira, é a primeira vez que a assembleia geral designa um português para ocupar o alto cargo de vice-presidente.

* * *

A BENEMERITA instituição da Sopa dos Pobres, de S. Sebastião da Pedreira, destinada a acudir aos velhinhos e ás crianças, roga ás pessoas residentes na freguezia que enviem todas as roupas ou abafos que possem dispensar, para a Avenida Fontes Pereira de Melo, 22, 1.º, E, ou para a Estrada de Palhavã, 6, até ao dia 30, das 10 ás 13 horas.

* * *

RAQUEL Roque Gameiro Ottolini, a grande ilustradora das crianças, vai fazer brevemente uma exposição de trabalhos da sua fórma especial de arte. Esta senhora é a unica artista portuguesa que foi convidada a ilustrar obras das maiores casas editoras da Inglaterra, e a unica ilustradora estrangeira que expõe no Museu de Arte Contemporanea de Madrid.

* * *

O *DIARIO DE LISBOA*, que sempre defendeu os inquilinos, nas suas justas reclamações, tambem não esquece nem esquecerá os cauteleiros, que tão honrosamente ganham a sua vida, prometendo acompanha-los nos seus clamores, caso a Santa Casa pretenda tomar quaisquer resoluções que de qualquer maneira os prejudiquem.

* * *

A «REVISTA DE ARTILHARIA» promove uma serie de conferencias, sendo a primeira feita pelo major sr. Eduardo da Costa Ferreira, distinto professor da Escola Militar, que versará este tema:—«Algumas ideias sobre a reorganisação em material de artilharia». Realisar se-ha na Escola Militar, no dia 19 deste mez, ás 21 horas e meia.

* * *

A BORDO do «Ardeola», partiu hoje para a Madeira, de onde seguirá para Lourenço Marques, o nosso amigo e ilustre magistrado sr. dr. Bernardo Ferreira Gomes de Pinho, que vai tratar de assuntos referentes ás filiais do Banco Colonial e Agricola Português na Africa Oriental.

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* nomeou seu redactor regional o nosso querido amigo e distinto dramaturgo Francisco Lage, iniciando assim uma informação permanente sobre todos os assuntos de interesse para a cidade de Braga e para a provincia do Minho.

* * *

NO proximo sabado, inaugura-se, no Salão Bobone, a exposição de pintura de paisagem de Antonio Saude.

Bom senso

As investigações policiais a respeito do «Banco de Angola e Metropole» ainda não chegaram ao fim, mas não falta já quem se repute na posse plena da verdade, como se esta se deixasse apanhar, á semelhança dos cogumelos.

Dada a nossa conhecida tendencia para nos dividirmos, discutindo e brigando, o publico reparte-se em duas opiniões — uma diz que os contratos são falsos, outra afirma o contrario.

Se fossemos um povo que tivesse os nervos calmos e a cabeça no seu lugar, isto não seria perigoso.

Como, porém, se dá o caso de, entre nós, a politica se intrometer em tudo, impondo os seus preconceitos e as suas manias, o «Banco de Angola e Metropole» vai passando á categoria de assunto ebuliente.

O que nós desejamos — e certamente toda a gente sensata — é que se apurem as responsabilidades dos criminosos, sem que as paixões, os interesses ou os odios mesquinhos sejam tomados em linha de conta.

A questão é daquelas que envolvem não só o credito mas até a honra do país...

Que se requer, pois?

Os magistrados a quem incumbe a espinhosa tarefa de esclarecer um misterio que os mantos dos ladrões querem tornar impenetravel, têm que proceder com a reserva e a prudencia que as suas funções naturalmente exigem.

Para eles não póde existir outra preocupação senão esta—descobrir os culpados para salvar os inocentes.

A obrigação da imprensa tem que moldar-se tambem por normas rigorosas, de maneira que os seus relatos, as suas informações e os seus juizos não venham a turvar a credulidade das turbas.

Se a rua se agita, no arrebatamento dos seus clamores, é necessario que os jornais não sirvam de incitamento a injustiças.

Em Portugal, ha uma furia cega, desvairada, que só se comprás em negar, destruir, acumular ruinas e sepultar nomes.

Confiamos nos homens que, pela sua situação e, sobretudo, pelo seu patriotismo, entendem que não é o espirito sectario que nos pode livrar de nós proprios.

Na confusa tramoia do «Angola e Metropole», os magistrados que dirigem as investigações, para que bem mereçam de nós todos, hão de orientar-se por uma tão escrupulosa noção do dever que, ao concluirem os seus trabalhos, encontrem, no testemunho da sua consciencia, o aplauso da nação inteira.

Porque não duvidamos deles, esperamos confiadamente que só sirvam a verdade, mas a verdade que redime e purifica, sem prestarem ouvidos a más sugestões...

AS NOTAS FALSAS

—Essa nota é falsa! Isso virgula.
—Pois é justamente por isso, minha senhora.

EM Outubro, foram apreendidas, no Cais do Sodré, a bordo do gazolina «America» 4 malas, contendo sedas, no valor de 160 contos, consignadas aos srs. Alvaro Rosado, José Soares, funcionario das alfandegas, D. Maria Garnier e D. Maria Mascarenhas. Hoje foi lida a sentença que condena os destinatarios na multa de dois mil contos. A firma proprietaria do gazolina foi condenada na perda do barco, que é avaliado em 80 contos. As sedas vinham de Paris e a apreensão foi feita por denuncia. Os arguidos têm 3 dias para recorrer da sentença.

A firma proprietaria do barco garantiu que ignorava o conteudo das malas, pois que a missão dos gazolinas é transportar bagagens e não averiguar o que elas contêm.

* * *

A RUA Luz Soriano, sob o ponto de vista de iluminação, presta-se, desde o escurecer, a todas as tentativas arriscadas nos dominios do desconhecido.

A partir da travessa dos Inglesinhos para cima, os candieiros mantêm-se metodicamente apagados.

Quem sae de ou entra em casa já sabe o perigo que corre—ou esbarrar com algum transeunte de mau humor, que se exprime em linguagem de carroceiro, ou escorregar nas muitas cascas de frutos que aguardam nos passeios a passagem incauta dos aventurosos.

Chamamos a atenção das Companhias Reunidas para tamanha imprevidencia, na certeza de que imediatamente adoptará as medidas necessarias para que os candieiros... sejam de iluminação.

* * *

CHEGAM esta noite os representantes dos nossos colegas *O Primeiro de Janeiro*, *O Comercio do Porto* e *Jornal de Noticias* que, com alguns jornalistas de Lisboa vão fazer no «Junkers» a viagem á capital do Norte.

O avião gigante que deve partir amanhã de Alverca, voará sobre o Porto, Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Santarem e Lisboa, indo aterrar novamente a Alverca, demorando este vôo cêrca de 4 horas.

* * *

O SR. dr. Reynaldo dos Santos encontra-se de luto pelo falecimento de sua filha Isabel, uma encantadora criança de catorze anos, que parecia fadada para todas as venturas da terra.

Porque avaliamos a dôr que lhe retalha o coração, apresentamos-lhe os nossos sentidos pesames, desejando que a pouco e pouco a saudade o desafogue da amargura que o oprime.

* * *

REALISA-SE no domingo, pelas 12 horas, no «restaurant» Tavares, o almoço de homenagem á redacção do jornal «Acção Nacionalista», presidido pelo sr. comandante Filomeno da Camara.

O Directorio do Partido Nacionalista far-se-ha representar.

A inscrição está aberta, até ao proprio dia do almoço, no «restaurant» Tavares.

* * *

POR um lapso, de que não temos culpa, o *Diario de Lisboa* não mencionou ontem, entre os oradores que falaram junto do monumento a Gomes Leal, o nosso querido amigo Dias de Oliveira, inspiradissimo poeta dos *Vitrais*, que viveu, por muitos anos, na amisade do autor das *Claridades do Sul*, que o estimava como o seu discipulo mais querido.

A musica

Nicolau da Cunha

Dotado duma excelente voz de baritono e educado em magnifica escola de canto, o sr. Nicolau da Cunha acaba de obter um grande exito nas principais cidades do Algarve, onde tem sido muito aplaudido.

Auxiliado pelo espirito brilhante do sr.

NICOLAU DA CUNHA

Conde de Fontalva, conhecido «sportman» e antigo «dilettanti», sempre pronto a ajudar todos os que se lhe aproximam e á arte se dedicam, Nicolau da Cunha constitue uma grande promessa da arte lirica de Portugal.

S. Luis

O ultimo recital do grande «virtuose» Kubelik, era, sob o ponto de vista do programa, mais interessante de que o primeiro. Constava, na primeira parte, da sonata «Trillo del diavolo», de Cartini; na segunda, do «concerto em ré maior», de Enhaikowsky, e na terceira, do «Tema com variações», de Paganini; da «romanza andalusa», de Sarasate, e do «Souvenir de Moscou», de Wieniawsky.

Kubelik foi inexcedivel no concerto de Enhaikorosky, tendo executado as restantes obras com a habitual perfeição. Não podemos contudo deixar de salientar a interpretação do Paganini e das series russas de Wieniawsky, as quais desencadearam ovações que nos valeram três numeros em «bis».

Destes numeros o primeiro foi uma dança espanhola de Sarasate, e o terceiro, o «Preludio em mi maior», de Bach.

L. F. B.

A FOTOGRAFIA

DA NOSSA SOCIEDADE ELEGANTE

Desde que, em 1908, se fundou, na rua Ivens, 59, a Fotografia Inglesa, de J. & M. Lazarus, passou imediatamente a ser o estabelecimento preferido da nossa melhor sociedade, não só pelas novidades que apresenta, como pelo requintado bom gosto dos seus artistas.

Tem o seu proprietario correspondido sempre á confiança da sua escolhida clientela, estudando e utilisando todos os progressos da arte fotografica. E ainda ultimamente lhe devemos a introdução, no nosso país, do grande estilo inglês dos ultimos meses—o «Photo Etching» (retrato representando agua-forte)—de que ha, em exposição permanente, na rua Ivens, numerosos modelos, juntamente com fotografias em todos os generos, aguarelas inglesas e milhares de molduras.

"Bal-Tabarin"

E' com incontestavel sucesso que as incomparaveis coupletistas Amparito Vega e Mary Cielo estão trabalhando no *Bal-Tabarin*, onde o publico, que todas as noites enche este elegante *cabaret*, as aplaude com verdadeiro delirio.

Para muito breve anunciam-se novas e admiraveis estreias que enormemente veem concorrer para a alegria que naquela casa se disfruta.

Os bailes continuam animadissimos e o serviço de restaurante é esplendido.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21,15—Recita do Centenario da Escola Medica.
Nacional—A's 21,30—«A Severa».
Trindade—A's 21,15—«Cloció».
Gimnasio—A's 21,15—«Vida e doçura».
Apolo—A's 21,15—«A Taberna».
S. Luiz—A's 21,15—«Flor do Tejo».
Avenida—A's 21,15—«O Pão de Ló».
Politeama—A's 21,30—«Seguro de Vida».
Salão Foz—A's 15,45 e 21,45—«Pirolito».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Bal-Tabarin—A's 21—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

CRONICA DE S. PAULO

A virgindade AEREA DO ATLANTICO... e o "raid" do aviador Casagrande

S. PAULO, 22 de NOVEMBRO

—Casagrande vem aí!

Este foi o brado que se ouviu durante alguns dias, ha duas semanas, nesta maravilhosa cidade de S. Paulo, onde, com a mesma emoção que punha em ancias a colonia italiana, europeus e americanos liam com avidez os telegramas dos preparativos da partida do «Alcyone» e, por fim, os que davam conta da realisação da primeira «étape», reduzida a um terço da primitiva, por circunstancias imprevistas e aborrecidas.

—Casagrande vem aí!

Mas, no fim de contas, passado o domingo em que o audaz aviador, cinco dias depois da largada de Genova, prometera imprudentemente vir jantar ao Rio de Janeiro, todos tiveram de constatar que o intrepido «az» vinha, de facto, aí... aí em Espanha, onde ainda se encontrava na quarta feira seguinte, dia para o qual a notavel cantora italiana Margarida Salvi adiara um seu concerto no Rio de Janeiro, a fim de que a ele pudesse assistir o arrojado e moço heroi de algumas das mais belas aventuras da Grande Guerra.

E o povo, que é simplista como uma criança e voluvel como duas mulheres, tendo visto baldada a sua espectativa durante oito, dez, doze, quatorze dias, sabendo que arrefecera irremediavelmente o banquete da recepção e que o mau tempo inutilisára um dos maiores atractivos do festival da distinta artista já citada; o povo, que é como o povo de toda a parte, começou logo a murmurar:

—Casagrande já não vem! Casagrande vai desistir!

E os proprios que, apesar das noticias telegraficas darem o «Alcyone» ainda bem perto do seu ponto de partida, tomavam qualquer ruido que perturbasse a atmosfera pelo cantico glorioso da helice italiana, eram depois dos primeiros a dar como certa e logica a desistencia do bravo aeronauta, por quem, diziam, o proprio Mussolini deixára de interessar-se, indignado por ele não se ter aventurado a uma morte quasi certa, com o aparelho avariado e o temporal horrendo a fustigá-lo por todos os lados.

* * *

O comandante Casagrande, se levar por diante a sua ousada iniciativa, como aliás deixa esperar o seu passado heroico, terá que voar durante umas longas dezoito horas sobre o vastissimo Oceano Atlantico, sem que possa confiar demasiado no auxilio providencial de qualquer embarcação que assista, por acaso, a um possivel acidente.

E, para mais, como ha dias fazia notar um jornal daqui, que não esconde nem tem que esconder as suas simpatias pela Italia, ao moço aviador pertencerá, além de algumas outras, a gloria imensa de desvendar... a virgindade aerea do Atlantico.

Ora — meus preclarissimos leitores—isto de desvendar uma virgindade, mesmo que seja aerea, não é uma brincadeira de meninos, nem tão pouco uma aventura banal a que se atire qualquer Fabiano que não seja maluquinho de todo. E' preciso ao mesmo tempo força de animo, calma, decisão, prudencia, arrojo e serenidade.

E é, sobretudo, indispensavel tê-los—a esses sentimentos — numa tal proporção, que uns não passem por sobre os outros, prejudicando-os ou inutilisando-os.

* * *

E, já agora, vem a talho de foice uma «blague» que me contaram e por certo nos ha-de interessar:

Ha uns três para quatro anos — narrou-me um amigo — alguem, certamente menos amigo de Portugal do que de gracejos de mau gosto, fez constar, com grande gaudio de alguns compatriotas de Casagrande, que tinham chegado ao Rio de Janeiro dois portugueses, vindos pelo ar desde Lisboa, dentro de um tamanco com azas de bacalhau.

O amigo que m'a contou queixava-se do desdem que tal «blague» representava. Duplo desdem, dizia, por pretender amesquinhar os nossos compatriotas e... por ser mentira.

Mas eu depressa o consolei, demonstrando-lhe que o nosso unico desgosto devia consistir na falta de fundamento dessa «blague». Com efeito, que grande gloria, superior se possivel fôsse a todas as outras que esmaltam a nossa historia, não teria para a Patria em que nascemos o facto sem precedentes de dois portugueses, metidos num calhambeque velho, remendado e sem os mais pequenos elementos de defeza, terem vindo da Europa até á America do Sul, pela estrada do céu, realizando assim bravamente uma das maiores maravilhas de todos os tempos. Que pena não ser verdade!

Mas não! Infelizmente, para nós a gloria de desvendar a virgindade area do Atlantico estava, ou antes, está reservada a Casagrande.

E que importa que ele não tenha cumprido, por culpa do destino, a sua promessa! de o fazer em cinco dias, se a façanha é sempre enorme e a temeridade a mesma! Que importaria até que outros tivessem já atravessado os ares entre os dois continentes, se os mesmos perigos se lhe antolhariam e só as honras não seriam tão elevadas porque, nisto de coisas desconhecidas, que aparececm em segundo logar, se ainda não comem a galinha, já enconram mais preparada a «cabidela».

Casagrande, estou certo, será recebido com enorme entusiasmo no Brasil. Não veiu em cinco dias? Não virá em cinco semanas? Melhor! Quanto maiores fôrem o obstaculos que se lhe atravessarem no caminho do triunfo, mais largas e mais deslumbrantes poderão ser as provas da sua audacia, do seu animo e da sua sciencia!

Um «raid» sem contrariedades poderia ser um acaso feliz. Mas uma viagem entre mil grandes e constantes perigos, ainda que dure três meses, espatife, embora, três aparelhos, imortalisá-lo-ha! Esse pouco...

De resto, Casagrande, emendando judiciosamente as suas primeiras afirmações, já declarou um caso secundario a data da sua chegada ao Rio de Janeiro, visto pretender apenas demonstrar — dando assim a entender que ainda ninguem o fez — a prossibilidade do trafego aereo entre a Europa e a Sul-America.

E' claro que eu — perante Deus e perante os homens o afirmo — hei-de ser, se puder, o primeiro a felicitar o heroi, a render-lhe as mais entusiasticas homenagens e a entrevistá-lo para o «Diario de Lisboa».

Sómente peço ao meu director que me permita não indagar do meu entrevistado as suas impressões de viagem, nem as suas emoções, nem os incidentes entre as diversas «étapes». E isto, porque eu tenho a impressão vaga de que já ouvi contar toda essa historia, por sinal, que interessantissima e deveras emocionante, não sei aonde nem a quem. Um sonho meu, talvez, igual a tantos outros, deslumbrantes, que os portugueses tornaram realidade!

Assim, só preguntarei a Casagrande como foi que ele desvendou a virgindade aerea do Atlantico. E, continuando a conversa, caso se proporcione a ocasião, tambem o ouvirei um pouco sobre o trafego aereo através do Atlantico, assunto a respeito do qual, antes dele, só os deuses poderiam dizer qualquer coisa.

Quanto ao resto, de todo o coração, como se eu fôsse italiano ou como se ele fôsse português... «bonne chance»!

JOSE PAULO DA CAMARA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Judith de Sousa e Faro de Lancastre, D. Julia Moreira, D. Maria da Graça Margarida Fuschini de Magalhães e Menezes Vilas Boas, D. Maria Helena Palma Leal, D. Alzira de Barros Pereira de Carvalho, D. Maria Helena Duarte Freire e D. Judith de Oliveira.

E os srs.:

Dr. Mario de Artagão, dr. Rafael de Saldanha Marreca Franco, Antonio Pereira da Cunha, Fausto de Brito e Abreu, Pedro Bon de Sousa e o nossó colega do «Diario da Tarde» Ivo de Monforte.

A caridade

Chá dançante

E' ámanhã que se realiza nas magnificas salas do Avenida Palace, gentilmente cedidas pela sua direcção, o anunciado «chá dançante» de caridade, organisado por uma comissão de senhoras solteiras, da qual fazem parte as seguintes: D. Eugenia Meuroa de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Izabel Briffa Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Izabel de Melo Breyner (Mafra), D. Leonor Correia de Sá (Asseca), D. Luiza Luz (Coruche), D. Maria Amelia de Abreu Saraiva, D. Maria Carlota de Saldanha (Rio Maior), D. Maria Emilia Casal Ribeiro Ulrich, D. Maria Eugenia d'Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria José Correia da Cunha (Olhão), D. Maria Vecchi Pinto Coelho e D. Rita Correia Henriques (Seisal), e cujo produto se destina á benemerita instituição de caridade «Florinhas da Rua», a fim de contribuirem para a festa do Natal da referida obra de caridade.

O «chá dançante» será servido pelo Avenida Palace, sendo abrilhantado pela orquestra «jazz band» do mesmo hotel, que tanto exito alcançado dos «chás dançantes» dos domingos.

A ilustre comissão organisadora mais uma vez previne que á entrada não se venderão bilhetes, sendo a entrada exclusivamente por convites que devem ser requisitados para casa da sr.ª D. Izabel Briffa Roque de Pinho (Alto Mearim), telefone 85, Trindade.

O «chá» começará ás cinco horas da tarde.

Casamentos

Pela senhora D. Amelia Fernandes da Silva Cunha e seu marido o sr. José Lourenço da Cunha, foi pedida em casamento a gentilissima filha da senhora D. Palmira dos Reis e do sr. Joaquim Luis dos Reis, para seu filho Alberto da Cunha.

O casamento realizar-se-ha por todo o proximo ano.

—Realizou se no sabado, na paroquial igreja de Santa Isabel, o casamento da senhora D. Maria Belmira Stratil Ferreira com o sr. Pedro Emilio Filipe Dupont Prendi, sendo padrinhos por parte da noiva a senhora D. Elsa Sotto Mayor e o sr. Pedro Franco e por parte do noivo a senhora D. Maria Rufina Arlene Turner Afonso e o sr. Giuseppe Prendi. No acto civil serviram de padrinhos da noiva a senhora D. Pilar Dolores Benito e o sr. Ludgero Maria de Lima e Quina.

Depois da cerimonia religiosa foi servido em casa da madrinha do noivo um delicado copo de agua.

Na «corbeille» da noiva viam se muitas prendas de fino gosto.

Os noivos partiram para Coimbra onde foram passar a lua de mel.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Não nos enganamos, quando afirmamos que a noite de ontem neste teatro, seria elegantemente concorrida, antes pelo contrario excedeu toda a nossa espectativa. A magnifica peça «O principe João», na qual a ilustre artista empresaria sr.ª D. Lucilia Simões, tem um soberbo trabalho, sendo brilhantemente coadjuvada pelo distinto actor Samwell Diniz, que desempenha o protagonista, assim como os restantes artistas da sua companhia.

Em um dos intervalos da linda peça recorda-nos ter visto as senhoras:

Marquesa de Ficalho, D. Luisa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Palmira de Azevedo da Camara Leme e filha D. Leonor, D. Maria Luisa Ribeiro da Costa Barbosa, D. Rita de Sá Pais do Amaral Franco de Castelo Branco, D. Maria Luisa Detti Santos, D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Gabriela Belard Silvano, D. Rita Cassia Ribeiro Zilhão, D. Maria José Santos, D. Maria do Carmo Pinto Osorio de Barros e filha D. Maria Emilia, D. Maria Francisca Pais Teles de Araujo e filhas D. Maria Leonor e D. Maria Cristina; D. Maria Alice Ferreira de Morais, D. Maria Augusta de Matos Ferreira de Castro, D. Maria Francisca e D. Maria Luisa Ferreira de Castro de Carvalho, mesdemoiselles Costa Pinto, etc.

Em viagem

Vindos da sua casa de Leiria, encontram-se em Lisboa os srs. viscondes de S. Sebastião.

—De Ancora, regressou o sr. Eduardo Barbosa Braga.

—Regressou de Vizeu a Nelas o tenente sr. Pessoa de Amorim.

—Acompanhado de sua familia, regressou de Lagos o sr. Manuel Serrea Brack Lamy.

—Regressou de Vila do Conde á sua casa de Campo Maior, com sua familia, o sr. Ernesto Leite de Vasconcelos.

—Para Freixo de Numão, partiu de Trancoso o sr. Ernesto Caldeira.

Doentes

Em vista do parecer de uma junta medica, composta de professores franceses e italianos, partiu de Nice para San Remo, na Italia, gravemente enferma, a sr.ª marquesa de Faria, instalando-se na clinica da Villa Monticollo.

Fazemos sinceros votos pelas melhoras da ilustre titular.

—O sr. marquez de Sagres, que tem estado de cama com uma pleurisia, está felizmente livre de perigo, sendo seu medico assistente o ilustre clinico sr. dr. Costa Nery.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

Recorde-se V. Ex.ª do aborrecimento e desespero que causa um mau retrato. Como será possivel oferece-lo como uma prenda de valor? Procure uma boa casa, um bom fotografo.

Photographia Brasil
R. ESCOLA POLITECNICA, 141

A's Senhoras

[illegible] para tratamentos varios, [illegible] mia, etc., sistema estrangeiro [illegible] da Estrela, 13, 1.º [illegible]

PAGINA SEMANAL

Teatro e Belas Artes

por Artur Portela

A DITADURA DA CRITICA

A ultima pagina de quinta feira, do meu camarada Norberto de Araujo, na parte qua se refere ao teatro, merece uma resposta demorada e atenta.

Denuncía ele, depois dum certo efabulismo subtil de argumentos, a existencia duma ditadura—a ditadura da critica. A expressão que, literariamente, pode ser, feliz não corresponde a uma verdade.

Ditadura significa organismo, entidade, sistema, poder constituido, ligação de opiniões, ou mesmo, se quizerem, secreto conluio em que a justiça seja corda de enforcado especialisada em estrangular determinadas vitimas, que até hoje não passam de hipoteses.

Eu não pretendo conquistar popularidades, assinando elogios, nem avolumar impopularidades ruidosas de escandalos e sucessos, deprimindo qualquer artista. Mantenho-me num meio termo, em que a sinceridade é fraca arma defensiva contra todos os ataques, calunias e intrigas. Já aqui pedi, nesta mesma pagina, uma larga amnistia, uma equilibrada amnistia de critica para artistas, dramaturgos e empresarios. Assinei o artigo e não pedi simpatias. Não recebi cartas—e fiquei satisfeito. Continuava a ter adversarios. Pensei deles são dignos. Deste pensamento não tenho que me arrepender—menos ainda do que vou escrever.

A critica não exerce ditadura, nem a podia exercer porque carece dum organismo que lhe defenda prorrogativas normais e esclareça casos duvidosos de opinião. A critica vive em liberdade, está isolada. E talvez não vá muito longe, dizendo que é odiada. Odiada injustamente.

O individualismo da critica é o seu maior erro e a sua maior qualidade. Os exageros deste, as particularidades daquele, se é que por acaso existem; a cultura dum, o golpe rapido de vizão impressionista doutro—equilibram-se de tal maneira, que a si proprio se criticam, se corrigem, atingindo com clareza a harmonia do comentario. Numa palavra: a critica critica-se a si mesma, já pela divisão de pareceres, já pela maneira como ela é feita, sob a plena responsabilidade do publico. Claro está que, politícamente, para quem quer que seja, as simpatias duma classe inteira, compensam, sobejamente, o desagrado de duas ou três pessoas que tenham, por profissão, de ocupar um local de combate.

O que é curioso é que sejamos nós, criticos, os culpados duma crise a exteriorizar-se em *débacle*, quando ela já vem de longe, com males irreparaveis e visiveis mazelas de enfraquecimento. Querem justiça? «J'acuse»!

Sabe Norberto de Araujo, dramaturgo do *Dentro do castigo*, trabalho improvisado numa instantanea volição intelectual a que não presto homenagem; outro tanto já não sucede á sua obra de jornalista e de escritor—sabe Norberto de Araujo, e se não sabe digo-lhe, que o mal do nosso teatro não está no palco, mas nos bastidores.

Eu explico. Quero ser claro numa argumentação seca de estilo. A vocação, o instinto do teatro, o genio—desapareceram, Adelina—é das ultimas criações magnificas de sangue, nervos e alma, que se ergueram, limpidamente, da rua, trazendo consigo o coração grandioso do povo. Como ela, outros surgiram impelidos por Deus, mas esses—morreram! O que se dá em teatro, dá-se no jornalismo, e nos seus ramos menores: literatura e poesia; artes plasticas, etc. Raro é aquele, entre nós, que, passado o primeiro arrepio de febre conceptiva, em que o romantismo e o sofrimento são forças elementares e regulares de produção—fique trabalhando, como trabalhava, largamente, rapido. dinamico, coluna de fogo, na campina esbrazeada de alucinações de beleza, onde se quebram as esfinges que nos propõem misterios de emoção e as estaturas classicas e frias levantadas pelos nossos maiores.

O campo da arte está muito lavrado. O Nilo da Ideia já não fecunda a terra daqueles ricos detritios de originalidade e de concepção que multiplicam as sementes de trigo—isto é da vida espiritual. Entrámos ha muito no deserto. Os braços não são tão robustos. A pedra fica pedra e podia ser mascara. A dinamite duma só ideia podia arruinar uma montanha—mas arde como rastilho, bem depressa extinto pelo vento.

Isto que se dá com os artistas de teatro dá-se com todos os outros artistas. Chegámos ao *ponto morto* da existencia. Descemos. Pessimismo? Não! Realismo concreto, a que é preciso resistir escrevendo, criticando, comentando, discutindo, num *dize tu, direi eu*, para empregar a expressão de Norberto de Araujo, que pode muito bem ser o primeiro prenuncio de vitalidade colectiva, de responsabilidade artistica. O florete mata—mas é elegante. Um revólver tanto serve para aniquilar um canalha que nos escreve uma carta anonima—como para defender uma creança das arremetidas sangrentas duma fera. O bem é uma compensação do mal. Creiam... Creiam que falo verdade.

* * *

Mas, dizia eu, desaparecido o genio, a vocação, o instinto do nosso teatro, como de qualquer outra arte—o talento tornou-se obrigatorio. E' mesmo resultante da cultura. O talento aprende-se. Ha escolas, com poucos discipulos, mas ha. O que não se nasce, diz o povo que ninguem ensina—é ensinado. O comediante português é hoje, em dia, como eu, jornalista, se entendem que estou magoando—apenas um talento. A sua profissão está condicionada á dura e inflexivel lei da vida: trabalhar, mas trabalhar bem ou mal para comer. O idealismo das mansardas, com Mimi Pinson, um candieiro de petroleo, tantas cautelas de penhores—são arqueologias literarias. Pode-se começar assim—o que ninguem quere é acabar. E têm razão, embora seja dificil concluir dessa maneira. Cerceadas, pois, as condições de conforto, de harmonia da vida—e substituido o romantismo pelo utilitarismo não ha designio moral ou intelectual que não apareça impregnado de melancolia e de pezar. O artista de teatro vê-se colocado entre dois pontos: primeiro tratar de si, depois da sua arte. Claro que esta sofre, enfraquece, conscientemente. Não ha tempo para se fazer uma cultura, uma aplicação sobre os livros, um estudo sobre os caracteres.

Mas o que ha tempo—é para aprender, não pela boca do mestre, mas sim pela do explicador. Quem é ele? O *metteur-en-scene, le animateur* colossal do teatro, acima do dramaturgo, acima do artista, acima do publico.

E' ele a grande mola da scena moderna.' E ele o genio todo poderoso—creador no caos.

Deus ainda encontrou argila plastica, ainda que impura, para avultar um sêr. Mas onde encontra o *metteur-en-scéne*, que scenario não é apenas lona pintada, mas tambem a mascara do comediante—disciplina, maleabilidade, ductilidade necessarias para fazer dum talento mediocre um registo certo que toque a tempo e bem a nota completa?

E' este o grande mal do teatro português.

Mas ainda falta apontar outro. Os dois fazem, como vão vêr, um circulo vicioso que sempre percorremos com as mesmas palavras e repetindo continuamente os mesmos argumentos, banalizando-se uns a escrever e outros a responder.

São raros os *metteurs-en-scène* em Portugal. Os que existem completaram já o seu trabalho. Fizeram a sua epoca. O modernismo deslocou-os. A sua visão já não corresponde á visão do publico. E se ha alguns que estão dentro do seu tempo, doloroso é reconhecer que não são acatados. O individualismo é uma guerra, embora só seja justo quando marca com eloquencia as caracteristicas do genio.

Miguel Angelo bastava-se a si proprio—porque era um universo incriado, realizando-se. Reparai que, na sua epoca, o conhecimento humano, pelos eu limite, era facil de apreender, na totalidade. Hoje—não.

O pensamento que na Idade Média podia ter coma insignificante imagem—o mar; neste momento, é mais que os Oceanos. A *inteligencia colectiva* batalha já nos confins do infinito.

A especialização—é lei. O genero—é formula. Mas ha que fazer um resumo, para não sairmos do tema:

A mola real do teatro moderno, são os ensaiadores. Se ela existe, raro é o artista que se sujeite aos seus impulsos. Se não existe—o talento do comediante, além de não bastar, não serve—é força em pura perda.

* * *

A critica—ainda. O critico não é um homem de excepção. A vida é colectiva e os seus defeitos gerais. O que ha são criterios, regras estabelecidas, canones, doutrinas que são parciais e, portanto, mais justas que as leis aplicadas pelos juizes. Feitas para dez casos—servem para mil. Nós, criticos, procedemos segundo aquele grande principio que Gemier, conquistando adeptos para a sua Sociedade Universal de Teatro, foi prégar a Londres:

A arte não é só a beleza, mas tambem a bondade. E a bondade—é a paz. Norberto de Araujo escusa de nos vir ensinar o caminho. O primeiro palmo de terra plana, nesse caminho, quem o arranjou—fui eu.

A amnistia exercida pelos criticos, é um facto. Temos, e não é da agora, atunuado muitos insucessos.

O adjectivo está vicejante. O termo caustico—dorme nos cemiterios do jornalismo passado.

Fialho, que os nossos artistas admiram como critico, retrospectivamente, claro, pode amaldiçoar-nos, mas a benevolencia sorri-nos, a afestoada com os louros de paz.

Por mim—estendi-lhe a mão, ambas as mãos, embora tenha que agradecer á violencia correcta e leal que usei ha um ano, o ter ouvido já este, e até pela companhia que nessa ocasião estava em causa—bom canto e boa musica.

Se Norberto de Araujo podesse agora, depois da amnistia que a critica está exercendo, representar o seu *Dentro do Castigo*, já não nos queria tão mal. Talvez nos abraçasse, dizendo: a vossa ditadura é tão branda e tão inteligente como a de Marco Aurelio, que, sendo imperador de Roma, soube dividir a sua omnipotencia entre o Senado e o povo...

Artur Portela

TEMOS PRATAS
portuguesas primorosamente lavradas
FILIGRANAS
portuguesas (producção exclusiva)
JOIAS
com pedrarias selecionadas e uma enorme escolha de presentes para
CASAMENTOS E ANIVERSARIOS
RAUL PEREIRA & C.ª L.da
«OURIVESARIA DO CARMO»
—LISBOA—
RUA DO CARMO 87°
SEDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO 83

Chapeus para homem a 20$00!!!
Só durante esta semana
Mais de 1:000 chapeus de variados formatos e côres, acabados de receber para vender ao publico por conta do fabricante.
OCASIÃO UNICA!
Ao Armazem de Chapeus e Lanificios
Rua dos Fanqueiros, 400, 1.°
(Junto á Rua da Palma)

TEATRO SÃO LUIZ
CONCERTOS BLANCH
DOMINGO, 20—A's 3 horas da tarde
4.° concerto de assinatura da
Orquestra Sinfonica Portuguesa
dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH
Programa sensacional—Obras de Tschaikowsky, Grieg, Cesar Franck, Liszt, Wagner e Florent-Schmidt, em 1.ª audição.
BILHETES A' VENDA

Dentes brancos, Boca limpa, Halito puro?
sim, usando a
PASTA ORIENTAL
A' venda em todo o Paiz
Lopes, Sobrinho, L.da—Porto
AGENCIA EM LISBOA
Rua do Crucifixo, 31, 3.º—Telefone C. 2629

A Cidade

Fragoso Fernandes
ADVOGADO
Questões civeis, comerciais e criminais
DIVORCIOS
Rua da Vitoria, 53, 3.º, E.—Telef. C. 957
LISBOA

Chá das cinco

O frio

A *vaga* é uma explicação meteorologica recente. Vaga de frio, vaga de calor. Quere dizer que numa determinada zona do planeta com as mesmas caracteristicas meteorologicas, o termometro sobe até ao infinito ou desce até uma grande profundidade abaixo de zero.

No verão, chegadinha da America na primeira classe dos grandes transatlanticos, tivemos uma vaga de calor. O inverno não podia ficar atrás do seu irmão no zodiaco e deu-nos uma vaga de frio.

A Europa sofre os dias mais inclementes do ano. Em Paris cai neve. Em Madrid sopra uma brisa gelada que vem das alturas imaculadas do Guadarrama. Já diz o provrebio:

El aire de Madrid
es tan sutil,
que mata un hombre
y no apaga un candil.

Em Lisboa, venha lá de onde vier, ha uma semana que faz uma frio inverosimil, antartico, siberiano. Não se encontram duas peliças na rua, que não troquem um olhar gelado, um olhar que pede *grog* quente como as crianças pedem emulsão de Scott.

As mulheres então sofrem mais do que os homens. E' vêr os seus narizitos arrebitados e rubros como se fossem pintados a carmim. Todos querem dizer:

—Faz frio! Faz frio!

E emquanto o termometro desce, meu amor, eu não sei como tenho ainda calor nos meus olhos para derreter a vaga de gelo da tua indiferença...

Norberto Lopes

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
s/Madrid	—	2$79
s/Paris	—	$73,5
s/Suiça	—	3$80
s/Bruxelas	—	$89
s/Nova-York	—	19$60
s/Amsterdam	—	7$89
s/Italia	—	$79
s/Brasil	—	2$82
s/Praga	—	$59
s/Suecia	—	5$26
s/Austria	—	2$77
s/Berlim	—	4$68
Libra esterlina	98$00	100$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	530$00
» 5 1|2 0|0 1923	499$00
Acções do Banco de Portugal	—
» do Banco Lisboa & Açôres	472$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	902$00
» da Companhia Port. de Fosforos	152$50
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	91$00
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

Grande Café Nacional
"Reveillon"
nas noites de 24 e 31 de Dezembro
::Reservam-se mesas::

NA RUA GARRETT...

Foi hoje inaugurado o monumento ao poeta Ribeiro Chiado

Sem solenidade, com pouco caracter, com justiça e — dizemos nós — com um proposito que ha que elogiar, defender e estimular, tornando-o mais lato e mais selecto, foi hoje inaugurado pelo sr. presidente da Camara Municipal, com a presença de alguns senadores e poucos homens de letras, o monumento ao poeta Chiado, no antigo Largo das Duas Igrejas, hoje já

Largo do "Chiado"

e cuja placa lá ficou na quina do Ramiro Leão e do antigo palacio dos Pinto Bastos, que fazia fundo á antiga «Ilha dos Galegos», assim chamada por motivo do antigo chafariz de Neptuno.

Dizia-se que alguns ilustres escritores iriam ao acto protestar contra o monumento e contra a ideia. Lá não foi escritor algum protestar ou elogiar, justificar ou rebater.

O acontecimento interessantissimo, e que daria razão a um encontro de gente de letras, teatro e arte, passou despercebido.

Povo ouviu o discurso do sr. dr. Costa Santos, povo anonimo e sincero. Quando passou um automovel a businar, alguem da turba—um tipo trivial—indignou-se, porque o não deixavam ouvir.

Ao lado de alguns vereadores, artistas e funcionarios municipais (não seriam 30 pessoas conhecidas), o sr. Presidente da Camara leu o seu discurso, que reputamos perfeito e justificativo.

Quem foi Chiado. A sua vida turculenta, a sua rebeldia, e feição graciosa e plebeia. A sua vida contemporanea ainda de Gil Vicente e de Camões.

Foi o Chiado-rua que deu o nome ao poeta, ou este que deu o nome á rua?

—Não pretende a actual edilidade imiscuir-se na magna questão do poeta ter dado o nome á Rua ou da Rua o ter cedido ao poeta, ou de nem uma nem outra cousa terem sucedido. O que se sabe é que já nos primeiros anos do seculo XVII—e o poeta morreu em 1591, aparecem referencias ao Chiado—rua, e esta denominação perdura...

Isto disse o dr. Costa Santos, e mais.

—O poeta Chiado tem grandes afinidades literarias com Gil Vicente, de quem foi contemporaneo, conhecendo-lhe a obra. Em veia comica, Gil Vicente e Chiado igualam-se, e se é certo que ambos descaem frequentemente na obscenidade não menos verdade é tambem que por vezes as trovas de ambos ferem a nota da sensibilidade ligeira.

O orador, observado por gente das janelas da «Mundial» e do Ramiro Leão, do Hotel Borges e da Propaganda de Portugal, mais declarou, em relação ao ribaldo e dizidor do «Auto das Regateiras» e da «Pratica dos Compadres»:

—Se agora nos referirmos á sua proximidade do monumento a Camões, é oportuno lembrar que o nosso epico foi seu amigo e admirador, e isto bastará para justificar a escolha do local.

E quasi no fim:

—Este monumento fica sendo a consagração da graça portuguesa. Neste momento de torvos pessimismos ha muitos que definem a graça portuguesa, qualificando-a de pesada ou de morta. Mas a graça não depende das circunstancias nem é comandada pelo raciocinio. A graça é nacional. O poeta Chiado foi um dos arquitectos da boa graça portuguesa...

A escultura não pode dizer-se que não seja bela. Costa Mota, tio, viu bem o poeta e soube transpô-lo para o bronze, focando-lhe a atitude, chegada até nós, na representação escarninha da sua obra, que não é grande, mas é tipica, pitoresca, quasi simbolica.

No fuste—que nos parece menos feliz—vão ser colocadas transcrições de Camões, Alberto Pimentel e Conde de Sabugosa.

Por agora, só isto:

A Antonio Ribeiro
"CHIADO"
poeta do seculo XVI

Não compareceu ninguem da Academia, apesar de esta manhã o sr. dr. José Maria Rodrigues nos ter dito que iria ali alguem da douta corporação, representa-la e falar. Poetas, nenhum. A nobre figura literaria e moral do sr. dr. João Saraiva e o espirito elegante e satirico do sr. Gualdino Gomes—arrumaram-se a um lado, quasi alheios, interessados, sim, mas sem se representarem. Em todo o caso, passem estes dois belos nomes, duas gloriosas ironias vivas, para o arquivo jornalistico.

—Os autos do Chiado estão repassados de traços vivos e definidos dos costumes portugueses...—escreveu Teofilo Braga.

Hoje os «autos do Chiado» são os automoveis das marcas modernas, businando a ponto de incomodarem o anonimo ouvinte.

Nesta indiferença pelo monumento ao Chiado pode ir, e vai, uma atitude literaria, digna e talvez legitima. Mas vai tambem um pouco de indiferença pelo povo, pela sua graça, pela sua obra, pela sua insignificancia. Na Rua Garrett, ao pé da Garrett, o Chiado talvez não esteja bem. Mas, exactamente por isso, é que ele está ali... muito bem.

Os nossos pobres

A bordo do vapor «Lima», da Empresa Insulana de Navegação, realizou-se na noite de segunda-feira para terça-feira uma festa em honra do valoroso comandante do mesmo navio a cujas qualidades de bravura e sabedoria os passageiros que vinham dos Açores devem a vida.

Foi uma festa animada, á qual compareceram todos os oficiais de bordo e todos os passageiros e que os artistas espanhois Luisa de Lerma, Paquita Campos e Francisco Campos deram um cunho artistico que a todos agradou.

No final, a distinta bailarina Luisa de Lerma, acompanhada pelo sr. Antonio Lopes, abriu uma «quete» a favor dos pobres protegidos pelo *Diario de Lisboa*, que rendeu a quantia de 227$10.

Esta importancia deu já entrada na nossa administração e será distribuida nas vesperas do Natal.

Em nome dos contemplados, o *Diario de Lisboa* agradece a generosa lembrança dos passageiros do vapor «Lima».

A seguir publicamos a lista da subscrição do nosso jornal:

Transporte	1.444$10
«Quete» a bordo do *Lima*	227$10
Livraria Portugalia	50$00
A transportar	1 721$20

O IETERCAMBIO

A Sociedade de autores e as suas relações com os dramaturgos portuguezes

Ha muito que se discutem os interesses da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

Ultimamente, porém, depois de ter sido anunciado que essa Sociedade tinha, além de outras, a representação geral e o exclusivo da Sociedade de Autores Espanhois, cujo contracto fôra assinado em Lisboa, em 18 de Novembro ultimo, pelo brilhante teatrologo sr. Mario Duarte, gerente da Sociedade Portuguesa e o delegado da Espanhola, suscitaram-se varias duvidas. Essas duvidas eram, especialmente, da parte do antigo representante espanhol em Lisboa, o qual de acordo com outros, levantou uma certa celeuma nos meios teatrais, afirmando-se contrario ao contracto assinado.

Em virtude da atitude do delegado espanhol, foi a Madrid um representante da Sociedade Portuguesa com uma credencial do seu presidente, dr. Julio Dantas.

Hoje, á chegada do «expresso», falámos com esse delegado, que nos disse:

—Trago em meu poder o contracto do exclusivo e da mutua representação, que, em sessão plena da Junta Directiva, me foi entregue por D. Manuel Liñares Rivas, e tambem a destituição do antigo representante.

—Mas tinha-se suscitado qualquer duvida?

—Não, senhor. Apenas não se poderia nomear outro representante definitivamente, sem que o antigo respondesse á «nota de culpa» que lhe tinham formulado. Apresentada a resposta, o delegado foi demitido em sessão da Junta a que assisti, sendo-me entregue o referido contracto. Nesse momento, o presidente pronunciou palavras amabilissimas para os autores portugueses, e pediu-me para ser interprete junto do dr. Julio Dantas das suas saudações e da honra que tem em conservar a sua carta como um autografo de um dos primeiros homens de letras da sua época.

—Mas dizia-se que havia em Lisboa um artista espanhol que era inspector da Sociedade de Autores...

—Não foi, com certeza, esse artista que julgo ser um dos mais acarinhados justamente, entre nós, quem fez correr tal boato, que me foi formalmente desmentido em plena reunião dos directores.

—De fórma que está tudo em ordem?

—As calunias destroem-se facilmente. Agora resta nos detentores de contractos, antigos ou modernos, registar esses documentos dos escritores da S. E. C. T. P. para que não percam a sua validade, isto, segundo indicações directas aos interessados, feitos pela Sociedade Espanhola em 20 de Novembro. Porque não havemos nós de viver todos em paz? De resto, não é caso para desanimar, que haja luta. Quando da fundação da Sociedade congenere do país visinho, chegou a haver «complots» de assassinato contra os seus principais fundadores, o maestro Chapi e outros.

E o nosso entrevistado, despedindo-se,

—Vou blindar-me...

A pelicula Gevaert permite fazer boas fotografias durante o inverno.
Garcez L.da—Chiado-Lisboa

As porcelanas da Vista Alegre
SÃO AS MAIS BARATAS
Deposito - Largo das Duas Igrejas, 146
Grande redução de preços
NÃO COMPREM LOUÇAS ESTRANGEIRAS

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
HOJE, ás 21-15
FLOR DO TOJO
Mais de 100 figuras em scena

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474 HOJE, ás 8-45
OS NIBELUNGOS
Uma cine-farça de Pamplinas
Uma revista de actualidades

UM CENTENARIO

A exposição
promovida pela "Lisboa Medica"
é um acontecimento scientifico

A «Lisboa Medica», sem duvida a melhor revista de medicina e cirurgia portuguesa, organisou neste momento em que acorrem a Lisboa muitos medicos da provincia por causa do centenario da Regia Escola de Cirurgia, uma exposição que merece a visita mesmo do publico não medico. A' tenacidade e ao espirito de organisação do dr. Almeida Dias, administrador da revista, se deve todo o sucesso que esta exposição tem tido.

Uma visita permitiu-nos a reportagem detalhada da exposição. O «stand» do Instituto Pasteur merece, sem favor, todos os elogios pela decoração. Expõe, além de material cirurgico vario e das especialidades farmaceuticas ali preparadas, as lampadas de raios ultra-violetas, a lampada «Sollux», o aparelho de lampada de «quartzo» que permite a distinção da manteiga e do azeite falsificados, é de muitos outros produtos.

No «stand» de Julio Worm, as peliculas Eastmann para Raios X, o belo aparelho de projecção da casa Ica permitindo a reprodução, a projecção e o desenho de preparações microscopicas de radiografias e autografos.

A casa Alvaro Campos, com excelente material hospitalar e os microscopios Koristka. O sr. Burmeister representa a casa Schering com os afamados Atofan, Veramon e Urotropina, entre outros, os microscipios Voigtländer, aqueles duma apresentação luxuosissima, estes, duma fabricação irrepreensivel. As casas Bayer, Meister Lucius e Brüning e Kall, com os seus conhecidos produtos e as novas ampolas de 914 que trazem já a agua destilada, preparando-se a solução prontamente. A casa Merck, representada pelo sr. J. Wimmer, com os seus produtos quimicos e medicamentos. A casa Davita mostra-nos o curioso aparelho portatil de Raios X, cujas radiografias, ali presentes, réclamam o melhor possivel, e o material de pensos. O «stand» da fabrica Wander expõe a Ovomaltine. Os produtos organicos Seixas Palma, no «stand» n.º 5. O Lactosic, alimento infantil, em pilhas de latas.

A vidraria alemã e portuguesa para laboratorios, e os azulejos e mosaicos de Montargil, apresentados pelos srs. Cunha & Vilhena, L.da. A casa Deligant, mostra os produtos franceses e nacionais que representa, em grande numero.

A Companhia Portuguesa de Higiene, o Laboratorio Sanitas, a Chemical Produces, L.da, e a casa Robinson, Bardsley & C.º, de Lisboa, os srs. Pestana Branco e Fernandes e Correia & Valente, L.da, em primorosas embalagens, expõem medicamentos e objectos para pensos, o ultimo a multidão de sóros e vacinas do Instituto de Dresden.

Os enormes «stands» da casa Raul Vieira, L.da, com piramides das novas ampolas de sóros Behring, já munidas de agulha e prontas a injectar, e as ampolas nas mesmas condições para colheita de sangue, e com os medicamentos do laboratorio Farmacologico de Lisboa.

Empregados e empregadas de varias nacionalidades prestam esclarecimentos, dão prospectos e amostras. A casa Bayer faz correr num «écran» «films» cinematograficos das suas fabricas. A' entrada, aos visitantes são oferecidos exemplares do «Discurso sobre a Arte de Curar», do cirurgião setecentista Antonio de Almeida, numa cuidada edição da Biblioteca Nacional, feita sob a direcção do dr. Almeida Dias, e ainda varias plantas da exposição.

AS NOTAS "FALSAS,,

Continua
o misterio á roda do caso
do Banco de Angola e Metropole

A'cerca da burla das notas não houve hoje, até ás 4 horas da tarde, o que propriamente póde chamar-se noticia; houve, e á farta, em compensação, boataria brava; cada qual procurando comentar a seu modo o mutismo da Policia, todos pretendendo pôr o seu criterio e a sua previsão sobre o desenrolar e o desfecho da, cada vez mais emocionante trapalhada.

O acontecimento veiu para a discussão das ruas; e uma vez cá fóra, ao silencio das autoridades corresponde a crescença do alarme, tornado já agora em panico, mercê dos anuncios de alteração da ordem, em que o proprio governo dá mostras de acreditar com as medidas de precaução adoptadas na policia e nos quarteis.

* * *

O que ha?

Que a gente saiba, não ha nada, e ha tudo. Ha boatos. Ha promessas de acontecimentos graves. Ha inquietação grande do publico. Ha incerteza. Ha toda a gente em atitude de interrogação, a informar-se a si proprio, a tirar ilações disparatadas dos factos que se anunciam — sabe-se lá se com fundamento se sem ele... — a pretender inquirir, em meio da barafunda, sobre o que aconteceu e do que poderá vir a acontecer.

* * *

O sr. dr. Pinto de Magalhães disse ontem a um jornal da tarde, referindo-se ao sr. dr. Inocencio Camacho, uma frese sobremodo grave.

Preguntando-lhe hoje os «reporters» se a confirmava e a mantinha, declarou que, embora tivesse havido exagero na maneira de dizer, estava certa, no espirito, a audaciosa e sensacional afirmação.

De modo que... sendo aquela frase a sintese do pensamento do adjunto da Policia de Investigação Criminal, e esbarrando ela contra factos de insofismavel evidencia, a gente nunca mais sabe como deve orientar-se na formidavel baralha de opiniões e de criterios.

* * *

O sr. dr. Teixeira Direito abordado por nós no Chiado, nada disse. Garantiu que nada sabia; teimou que ao sr. dr. Pinto de Magalhães é que competia informar; acrescentou que, embora soubesse alguma coisa, não podia nem devia revelá-la, e pronto. Não houve meio de se apanhar uma palavra, sequer, que fôsse indicação para a porfia necessaria da reportagem.

* * *

O sr. dr. Carneiro Franco foi hoje ouvido, e fez, segundo nos consta, declarações que, ilibando-o de culpa, põem no caso das notas maior confusão ainda.

Por exemplo: tem-se dito e continua a dizer-se que Marang é um intrujão de alto coturno, que tem um escritorio pobrissimo na Haya, que o seu credito financeiro é uma mentira por ele proprio forjada para os fins de burla que se propunha.

Pois o sr. dr. Carneiro Franco, que provou de maneira completa ter ido á capital da Holanda em Maio do corrente ano, exclusivamente para acautelar os interesses de Angola no caso que particularmente lhe respeitava, da Empreza Mineira, de que é administrador delegado por parte do governo daquela provincia, contou, sem curar de saber se Marang é ou não o que dele se diz, que os escritorios da celebrada firma — escritorios que ele viu porque esteve lá — são alguma coisa de bom no tocante a instalações.

Mais: tendo-se informado por intermedio do encarregado de negocios de Portugal ácerca do credito da firma agora incriminada, respondeu-lhe, documentalmente, entre outros, o Rotterdamsbank, estabelecimento bancario de seguro credito mundial que a casa Marang e Coligum «tinha no mercado holandês muito boa reputação, que era muito bem dirigida e que os seus pagamentos se faziam regularmente».

Que pensar então, de tudo isto?

Haverá dois Marang? Haverá duplicação do famigerado banqueiro como houve duplicação das notas?

A Policia é que podia responder. Mas a Policia não diz nada...

* * *

O nosso ministro em Haya, sr. Antonio Bandeira, já fez ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros dois requerimentos para que seja feita uma sindicancia aos seus actos particulares e de diplomata — que já tem 25 anos de carreira.

A'cerca do referido diplomata, recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Da Policia de Investigação Criminal comunicam-nos não ser exacto que se tenha procedido a quaisquer diligencias relativas ao sr. Antonio Bandeira, ministro de Portugal em Haya, contra quem não existe acusação alguma de ter intervindo nos casos do B. de A. e M., que se estão averiguando.

Esse funcionario diplomatico pôz-se de resto e espontaneamente desde a sua chegada a Lisboa, á disposição do seu ministerio e das outras autoridades prestando-se a fornecer-lhes todas as declarações que possam porventura contribuir para o completo esclarecimento da verdade».

As notas trocadas no Porto

No rapido da tarde, chegaram hoje a Lisboa, vindas do Porto, 21 malas contendo milhares de contos, provenientes de troca de notas de 500$00, na filial do Banco de Portugal naquela cidade.

Estas malas vinham num compartimento de 1.ª classe reservado, guardadas por pessoal superior do Banco, e fôram transportadas para a sua séde, sob a vigilancia de três agentes do Posto de Informações e vigilancia da Policia de Investigação Criminal, da estação do Rossio.

A revista "PIROLITO"

Amanhã, sabado, é dia de grande festa e de grande alegria, no elegante Salão Foz.

Realiza-se a festa de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, os autores da linda e aplaudida «revuette» «O Pirolito» que tamanho exito está alcançando neste teatro.

J. M. Fonseca

Da casa J. M. Fonseca recebemos, como reclame aos vinhos de Colares e moscatel de Setubal, um artistico cinzeiro, que muito agradecemos.

Henry Burnay & Companhia

O sr. ministro da Justiça, a quem foi presente ha dias uma queixa do sr. Jorge Burnay contra o Conservador do Registo Comercial de Lisboa, dr. Elysiario Eduardo da Mota Veiga, por causa do registo do Banco Burnay, mandou arquivar essa queixa, por ter reconhecido, depois de ouvida a Procuradoria da Republica, que esse funcionario cumpriu escrupulosamente, com os seus deveres, seguindo a doutrina mais consentanea com a lei, e que é adoptada pelos mais distintos jurisconsultos do País.

Pelos teatros

Hortense Luz

Continua marcada para amanhã, no teatro Maria Vitoria, a primeira representação da revista, por sessões, «Foot-Ball», original de «Gregos e Troianos», com que este teatro inicia a sua temporada de inverno.

Além de Lina Demoel, que tem cinco galantes numeros e um final cheio de beleza, tambem a gentil actriz Hortense Luz, figura de grande relevo no elenco deste teatro, tem a seu cargo varios personagens, cujo cunho acentuadamente caracteristo e popular ha-de produzir o melhor efeito, marcando mais uma «étape» brilhante na carreira da galante artista.

HORTENSE LUZ

A. C. T. T.

Realisa-se no proximo domingo, pelas 15 horas, a assembleia geral da A. C. T. T., para apresentação dos trabalhos da comissão nomeada para proceder á reforma dos estatutos, em harmonia com as aspirações da classe, modernisando por completo a sua orientação social.

Dada a importancia do assunto, é de esperar que todos os interessados compareçam, porque das resoluções a tomar depende o futuro dos elementos que compõem o elenco.

Atrás do reposteiro

Consta que fecha em breve as suas portas, um teatro de Lisboa, devido á pouca afluencia do publico e á falta de disciplina que reina entre bastidores.

—Realizam-se hoje, nos teatros Politeama e S. Luís, respectivamente, as «premières» das peças «Seguro de vida», comedia espanhola, com Alexandre de Azevedo e Emilia de Oliveira nos principais papeis, e «A Flor do Tojo», opereta portuguesa do escritor Campos Monteiro e do maestro Nicolino Milano.

—Interrompe hoje as suas representações a comedia «O Principe João», que ámanhã volta á scena no teatro S. Carlos.

—Chaby Pinheiro estreia-se hoje, com a sua companhia, no teatro de Penafiel, tendo fechado contracto para realizar os espectaculos de Carnaval em Setubal.

—A Companhia Portuguesa de Comedia, tendo como primeira figura a actriz Luz Veloso, depois dos espectaculos no Algés-Cinema, realisa três récitas no teatro Joaquim de Almeida, em Aldegalega, nos dias 1, 2 e 3 de janeiro.

—Anunciam-se, no teatro Nacional, os ultimos espectaculos da peça «A Severa», a seguir á qual se fará uma «reprise» sensacional.

—Realisa-se ámanhã, no Salão Foz, a recita de Pedro Bandeira e Alvaro Leal, autores da revista «Pirolito», aumentada com três quadros de conjunto e com novos elementos de grande valor artistico, como Sales Ribeiro e José Vitor.

—Da casa Sassetti & C.ª, recebemos e agradecemos um exemplar da musica do «Fado do Pão de Ló», cantado por Estevão Amarante, na peça do mesmo nome, em scêna no Avenida, original do maestro Wenceslau Pinto.

—E' riquissimo o scenario especial em que terá logar a Consagração de Augusto Rosa, feito em veludo lilaz e brocado de oiro, com surpreendentes efeitos de luz. Na noite de Augusto Rosa, no S. Luiz, entrarão todos os discipulos do grande actor, todas as «vedettes» e todas as primeiras figuras de todas as companhias que trabalham em Lisboa.

—Na 3.ª pagina deste numero do «Diario de Lisboa», o nosso camarada Artur Portela publica um artigo intitulado «A Ditadura da Critica».

—Fala-se muito na organisação de um «trust» de que participam varias emprezas teatrais, tendo como principio a fusão de diversas explorações, a diminuição dos preços dos logares e, consequentemente, dos encargos.

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
AMANHÃ
O principe João

Theatro do Gymnasio
Telef. C. 2814 HOJE A's 21-15
VIDA E DOÇURA
Domingo, 2.° CONCERTO FÃO

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE, ás 21-30
A Severa

TEATRO da TRINDADE
HOJE ás 21-15
A OPERETA
CLÓCLÓ

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
AMANHÃ AMANHÃ
A's 20-30 e 22-30, as 1.as representações da revista
FOOT-BALL

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4120
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
A TABERNA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21-30
Seguro de Vida

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
HOJE, ás 21-15
O Pão de Ló

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Bilhetes de assinatura

Esta Companhia faz publico que desde já recebe requisições para bilhetes de assinatura, nas seguintes condições:

1.ª — O praso de validade para os bilhetes trimestrais começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Março de 1926, e para bilhetes semestrais começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Junho de 1926.

2.ª — O preço de bilhetes trimestrais é de Esc. 369$00 (trezentos e sessenta e nove escudos) e o dos bilhetes semestrais é de Esc. 615$00 (seiscentos e quinze escudos) pagos no acto da requisição.

3.ª — Os bilhetes deverão ser requisitados á Companhia, nos seus escritorios, em Santo Amaro, em carta impressa, segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias iguais, medindo 0,035X0,035, despegadas de cartão, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas, ou inutilisadas por qualquer carimbo.

4.ª — A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura três dias depois daquele em que receber a requisição nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 31 de Dezembro de 1925.

5.ª — Os bilhetes são absolutamente pessoais e intrnasmissiveis, e só são validos para os carros electricos que circulam nas linhas da Companhia para o serviço do publico, excluindo, portanto, os que circulam nas linhas da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa.

6.ª — Em caso de perda ou extravio, deverá o assinante fazer a participação á Companhia que, decorridos oito dias lhe fornecerá outro bilhete.

Durante este praso, que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros, pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma nem perdas e damnos.

7.ª — Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante, fizer ou tentar fazer uso dum bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado, isto sem prejuizo do processo a seguir contra o autor e cumplice desta fraude ou tentativa de fraude.

8.ª — Os bilhetes de assinatura emitidos pela Companhia terão a fotografia e a assinatura do assinante e serão autenticados com as assinaturas ou chancelas do dois directores e, ainda, com o carimbo em relevo de que usa a Companhia.

9.ª — Os assinantes não pódem apresentar sob pretexto de quaisquer prejuizos, reclamação alguma contra a Companhia por motivo de demora, paragem e interrupção de circulação na linha, mudança de serviço, diminuição de numero de carros, falta de logar, por motivo de greve ou, ainda, por qualquer outro caso de força maior.

10.ª—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e, bem assim, quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura.

Fica igualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando fôr necessario, para comprovar a sua identidade.

11.ª — A falta casual ou forçada da utilisação do bilhete não constitue o assinantem nem os seus sucessores ou herdeiros no direito de reclamar indemnisação ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe suceda reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço uma vez pago, pertence de direito e para todos os efeitos á Companhia.

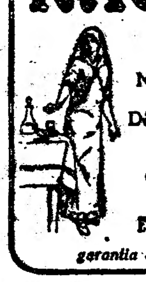
Lisboa, Santo Amaro, 18 de Dezembro de 1925.

A DIRECÇÃO

AS CAPAS Á ALEMTEJANA
São os Melhores Agasalhos e os mais chics

SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS
CELEBRE CASA DAS TESOURAS
Peres & Abrantes Suc. Tel-3336 N.
Rua da Escola Politecnica 31-31A-33-35

RHODINE



Dôres — Reumatismos
Lombago — Torticolo
Nevralgias — Enxaquecas
Dôres de cabeça
Dôres de dentes — Insomnias
Resfriamentos
Constipações — Gripe
Cansaço — Estado febril

Exigir a Marca "RHODINE"
garantia de pureza e eficacia.
236-6

GRATIS
JOIAS-OURO-PRATAS

Por cada 10$00 de compras feitas na nossa casa distribuiremos uma senha numerada que habilita os portadores a receberem os nossos premios em Joias e Pratas que serão sorteados pela loteria de 31 de Dezembro.

Colossal variedade em estojos com pratas para presentes de Natal.

Exposição permanente com preços marcados, a melhor garantia de que vendemos mais barato.

Habilite-se gratuitamente aos nossos BRINDES.

Fazendo durante este mês as suas compras na Ourivesaria e Joalharia de Vasconcelos & Guimarães, Limitada RUA DA PALMA, N.° 13

Cartonagens & Envolucros Limitada

Por escritura de trez de Abril de 1925, notas do notario Mario Rodrigues, foi dissolvida esta sociedade por quotas, fixado o prazo de trez anos para a liquidação e partilha e nomeados liquidatarios os socios Alberto May Totta, José d'Andrade J.or e Antonio de Vasconcellos Correia.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE FAZEM-SE A 480$00 ; FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, LOJA

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

DOENÇAS NERVOSAS

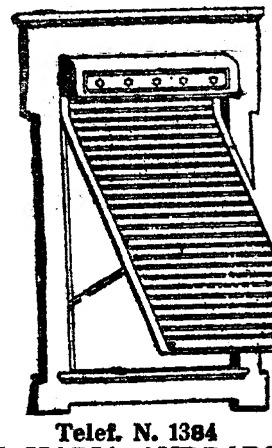
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 28
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senheras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua do S. Paulo — 77

«BISMARCK»
POMADA EXTRA PARA CALÇADO
A' venda em todos os bons estabelecimentos
DEPOSITARIOS
J. A. SILVA, L.DA
R. Anchieta, 11 — Telefone C. 1800

GELOSIAS, LIMITADA
Stores Gelosias



Telef. N. 1384
RUA MARIA ANDRADE, 11

Companhia das Lezirias do Tejo e Sado
Venda de propriedades

Na quinta-feira, 7 de Janeiro, pelas 14 horas, na séde desta Companhia, rua Nova do Almada, 53, 1.°, se procederá á venda em hasta publica, se o preço convier, das seguintes propriedades:

Em Samora Correia

Malhada de Maias (porção de charneca ao sul da carreira de tiro de Alcochete), cêrca de 1:300 hectares.

Em Azambuja

Corredouros de Mathias Torres, do Amorim e do Vau e courella da Cabeça
Corredouro do Batalha
Caçador
Courella dos Castelos
Terra junto á barca das Virtudes
Terras Novas da Patriarchal e Terras do Inglez, divididas em 4 lotes
2 Celleiros na rua Victor Cordon

Em Vallada

1 Celleiro no Largo da Egreja

Na Chamusca

1 Celleiro na rua Direita, dividido em 4 compartimentos.

As condições que regem a praça estão patentes na séde da Companhia, onde se darão quaesquer esclarecimentos e se prestarão todas as facilidades para a visita ás referidas propriedades.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1925.

Pela Companhia das Lezirias do Tejo e do Sado,

Os Directores,

a) B. C. Cincinnato da Costa
a) Madail Lopes Monteiro
a) Emilio Infante da Camara Junior

Polainas da Moda

Fazenda ingleza a 30$00, desconto para revenda; é o melhor brinde actual. **Sapataria Duque.** R. do Ouro, 294.

Colchões de arame
Os mais perfeitos e higienicos
R. da Rosa, 253

ESTRANGEIRO

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 . LISBOA

DE PARIS

A' volta

do caso das novas propostas dão-se varios incidentes

PARIS, 18

O grupo da esquerda radical da Camara, sob a presidencia do sr. Raul Péret, recusou-se a discutir as questões financeiras com os outros representantes das esquerdas.

O grupo socialista da Camara, pelo contrario, resolveu continuar com os representantes dos outros grupos da esquerda, o exame do duplo problema do equilibrio orçamental e do saneamento financeiro, e designou Léon Blum, Vicente Auriol e Bedouce para representar o grupo na comissão encarregada de elaborar o programa fiscal comum das esquerdas. — (H.)

Discussão

entre Herriot e Dervaux

PARIS, 18

Deu-se um vivo incidente entre Herriot e Dervaux, conselheiro municipal de Paris.

O segundo acusa o pr'meiro de haver trabalhado a favor dos nacionalistas.

O antigo presidente do Conselho declarou ter obtido a adesão dos socialistas á doutrina radical, o que não o impediu de manter-se fiel ao acordo de 24 de Setembro.

Herriot terminou recordando ter-se recusado a formar governo, quando os socialistas pediram mais do que ele podia dar-lhes. — (L.)

Declarações

do ministro Doumer

PARIS, 18

O sr. Doumer aceitando substituir o sr. Laucheur na pasta de Finanças, declarou ser abolutamente necessario equilibrar o orçamento pela criação de novas receitas até que uma severa fiscalisação dos impostos permita aliviar as contribuições. — (L.)

O governo

e a baixa do franco

Todos os jornais de «Cartel» afirmam ser preciso aguardar a obra de Doumer para que ela seja apreciada com justiça.

O orgão de Bokánonisoki insiste porque o governo faça todo possivel para impedir a baixa do franco. — (L.)

CINEMA CONDES
HOJE
Estreia do grande «film» de intrigas e aventuras
A desforra de Garrison
8 actos da vida do «turf»
entrecho originalissimo interpretado pelos grandes artistas
Jack Pickford
Madge Bellamy
Dia de Natal: — Estreia do maior dos sucessos até hoje apresentados.

UM PUGILISTA CELEBRE

O tragico fim do "boxeur" Siki

que foi assassinado de noite num bairro pobre de New York

Battling Siki, que se tornou celebre pela sua vitória sobre Carpentier, foi assassinado em New-York.

Um policia, no seu giro noturno, encontrou o corpo do «boxeur» estendido num passeio. O revólver que, segundo todas as probabilidades serviu para cometer o crime, foi encontrado junto do cadaver. Duas balas tinham sido queimadas.

Siki frequentava os bairros pobres de New-York. Foi numa dessas excursões noturnas que perdeu a vida. Supõe-se que o «boxeur» foi assassinado depois dalguma discussão violenta começada num dos «bares» exoticos que ele frequentava habitualmente.

Battling Siki tinha fixado residencia havia algum tempo em New-York, com sua mulher, uma senhora de raça branca—que se apaixonára pelo famoso pugilista de raça negra. Era frequente encontrarem-no envolvido em desordens com gente suspeita dos «bas-fonds» neorquinos. As suas excentricidades tinham mesmo acabado por torna-lo indesejavel na America, a tal ponto que a policia muitas vezes o ameaçou de expulsão.

Ha alguns meses, no mesmo bairro onde foi encontrado morto, o jovem «boxeur» tinha sido ferido com uma navalha no pescoço. Conduzido ao hospital, evadiu-se algumas horas depois, sem que os enfermeiros tivessem dado por isso.

A vida aventureira de Battling Siki fazia prever o fim tragico que o pugilista negro acaba de ter. Nascido em S. Luis do Senegal, em Setembro de 1897—Siki contava, portanto, 28 anos—o seu nome gentilico era Luis N'Fall. Tendo chegado muito novo a França, na bagagem de um artista coreografico que o abandonou á chegada a Toulouse, Siki estreava-se pouco depois no «ring»—com 16 anos de idade—pondo «knockout». Jules Perrond, um «boxeur» que teve a sua hora de celebridade. Esta vitoria decidiu da carreira de Siki, que se ficou chamando Battling pela sua bela audacia e pelo seu valor combativo.

Declarada a guerra, Siki alistou-se como voluntario e bateu-se como um bravo nas primeiras linhas. Foi ferido duas vezes e recebeu a Cruz de Guerra.

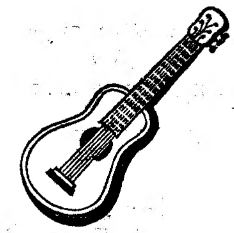
Em 1919, calçava luvas de quatro onças e começava a bater, sucessivamente, todos os «boxeurs» que lhe apresentavam. Nota curiosa: nunca se treinava nas vesperas do combate. Os seus habitos de intemperança desencorajavam todos os seus «managers», que lhe previam já o fim tragico que Siki acaba de ter. Battling só frequentava o «ring» quando tinha falta de dinheiro.

Como dissemos, a sua vida dissolvente na America tinha chamado sobre ele frequentes vezes a atenção da policia, que agora iniciou sem resultado um inquerito para descobrir o assassino do pugilista.

Segundo todas as probabilidades, é natural que a policia nada descubra e a morte do famoso «boxeur» fique envolvida no misterio negro que caraterisam os crimes praticados nos bairros imundos da capital norte-americana.

Não comprem
Carteiras e malas sem verem a coleção da Casa Bastos Silva Lt.ª
RUA DE S. NICOLAU, 81

PORTUGALISE OS SEUS PÉS
usando o solido e elegante calçado PORTUGAL.
DEPOSITOS actuais para venda ao publico
Rossio, 122 — R. da Palma, 128 — R. da Betesga, 32

ULTIMA HORA
QUIOSQUE

Grande palpite para os 3:600 contos nos numeros
1935 1939 3213 3219
5031 5231 5235 5412
5415 7777 8888 13113
Todos estes numeros são abertos em cautelas de 6$00 e 3$00.
Bilhetes a 1.040$00 e quadragesimos a 26$00.
Habilitem-se V. Ex.as no feliz
QUIOSQUE VIOLA
Largo de S. Roque
(Em frente ás escadinhas do Duque)

Janotas???
Quereis vestir bem e barato? Mandai virar vossos fatos e sobretudos por Madeira, alfaiate. Aceito fatos a feitio. Rua do Mundo, 81, 3.º Telef. 487 C.

GARAGE MONUMENTAL
E' a maior garage de Portugal. Consultai os preços de recolha desta casa.
Avenida Alvares Cabral (Ao Rato)

Vacaria Aurea
Esc. 1.000$00 a quem no seu estabelecimento provar que o Leite não é puro.
Rua do Crucifixo, n.os 135 e 137

POLAINAS INGLEZAS
Chegou a primeira remessa á sapataria Garrett.
RUA GARRETT, 94

CALÇADO PARA «SPORT»
Bolas para Foot-ball, etc.
SAPATARIA DO CALHARIZ
E' quem vende mais barato
33, Largo do Calhariz, 33

DA CHINA

O Japão

decidiu a pedido dos consules ocupar a cidade de Mukden

PEKIM, 18

O Japao tomou uma atitude decisiva e surpreendente, relativamente ás suas tropas que se encontram na China, ordenando-lhes que ocupassem Mukden, capital da Mandchuria, a qual se encontra em completo dominio chinês.

Os japoneses tomaram aquela deliberação a pedido dos consules, a fim de serem protegidos os interesses dos subditos estrangeiros contra os disturbios das derrotadas tropas de Tchan-Tso-Lin, um dos vinte generais chineses que se batem pela ascensão ao poder e assim atrofiam o comercio estrangeiro e esfacelam o imperio amarelo.

Os japoneses proibiram a passagem de quaisquer forças chinesas em operações, numa area de seis milhas ao sul do caminho de ferro da Mandchuria, linha que está estipulada para a sua protecção, pelos tratados em vigor que permitem ainda e para esse efeito, o estacionamento de uma divisão de tropas japonezas.

Mukden, a pequena distancia do caminho de ferro, possue um grande arsenal onde têm sido largamente fabricadas as munições que têm alimentado a guerra civil na China.

Um general

em busca de generais que se revoltaram

Os japoneses prevêem a completa destruição do comercio estrangeiro na Mandchuria, o qual está ameaçado de devastação pelo quarto de milhão de bandidos armados que se apresentam como soldados chineses.

O general Tshang-Tso-Lim retirou recentemente com parte dos seus exercitos para o sudoeste de Mukden, a fim de meter na ordem varios generais que contra eles se revoltaram, mas foi-lhe já notificado que não lhe é concedida autorisação para regressar á sua capital, a não ser que regresse com uma vitoria completa. — (L.)

PEQUIM, 18

O comboio internacional que de Pequim segue para Tien-Tsin e que caiu no meio da batalha em Yang-Tsun, chegou a Pequim, com todos os passageiros salvos. — (H.)

TOQUIO, 18

A pedido das autoridades de Kouang-Toung, o governo japonês enviou para Mukden uns cem policias de Seul. — (H.)

CHANGHAI, 18.

Segundo noticias recebidas de Mukden, as tropas de Kuo-Sung-Lin entraram em New-Chang sem combater. — (H.)

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º - ás 3 h. - Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º - ás 5 h. - Tele 1902-C

3.600 contos
Estão á venda no
Gama
Rua do Amparo, 51
LISBOA

PECHINCHA
Fitas para todas as maquinas de escrever e somar a
Esc. 12$00
Qualidade garantida.
J. ANÃO & C.ª, L.da
R. DOS FANQUEIROS, 376, 2.º
TELEFONE N. 3536

ULTIMAS NOTICIAS

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA
chics, bom gesto e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisóstomo, 115, 1.º
Telef. N. 5551
A. NEVES

O DIA POLITICO

A posse do novo governo

e as despedidas do ministerio Domingos Pereira

Está organisado o novo governo. Como hoje o Parlamento deve fechar as suas portas, de maneira que o sr. Antonio Maria da Silva, só a 8 de Janeiro se poderá apresentar á Camara, pareceu-nos interessante saber o que acerca do novo governo pensam os varios agrupamentos parlamentares. A pregunta foi para todos a mesma:

—Como encara a organização do novo governo?

As respostas vão a seguir...

* * *

Do sr. dr. Moura Pinto, antigo nacionalista e hoje independente:

—Se foi assim é porque talvez não podesse ser melhor.

* * *

Do sr. dr. José Domingues dos Santos, «leader» da esquerda democratica:

—Um desafio á consciencia da Nação. Quando a Republica atravessa uma das suas horas mais atribuladas, aparece um governo constituido por figuras secundarias, a maior parte das quais já queimadas pelos erros sem conta praticados pelo ministerio anterior. Ministerio inferior para uma epoca normal, apresentá-lo para resolver uma das crises mais graves da Republica representa mais do que inconsciencia. E' um desafio.

* * *

Do sr. dr. Paiva Gomes, antigo ministro das Finanças e das Colonias e membro categorisado do P. R. P.:

—«Como uma esperança.»

* * *

Do capitão sr, Pina de Morais, deputado pelo Porto:

—Um governo forçado, filho da velha mecanica que é hoje o P. R. P., o exemplo mais extrordinario do formalismo politico desse inerte partido. Fez-se tudo quanto é humanamente possivel para levar o sr. Antonio Maria da Silva ao poder, coartando até, segundo se depreende da nota da reunião do grupo P. D., a opinião deste organismo. O que caraterisou a luta politica eleitoral foi a ancia do poder, a mesma que se leva agora dentro da Camara dentro do seu maior partido. Tudo aconselhava outro governo — e até o mais alto magistrado da Republica, varreu a sua testada, desejando que lhe indicassem quem devia ir ao poder.»

* * *

Do sr. dr. Alfredo de Sousa, antigo ministro do Trabalho e figura categorisada do P. R. P.

—Parece haver equivoco na sua pregunta, porquanto não vejo que haja governo novo. O que ha, segundo me parece, é o governo velho refrescado com a entrada para a presidencia da figura sempre fresca do sr. Antonio Maria da Silva.

* * *

Do sr. dr. Amancio de Alpoim da minoria socialista:

—Nasceu parlamentarmente derrotado com o voto de desconfiança que a Camara deu ontem ao sr. Torres Garcia, revogando-lhe o seu decreto sobre finanças municipais.

* * *

Do sr. dr. Manuel José da Silva, deputado independente:

—Parece que foi o que as circunstancias permitiram.

* * *

Do sr. dr. Costa Cabral, ex-ministro do Trabalho no ministerio Domingos Pereira:

—Os homens que o compõem (e com alguns trabalhei eu de perto) oferecem todas as garantias para uma administração habil e honesta.

Emitir parecer sobre o modo porque encaro a sua organização, seria antecipar um juizo

A SESSÃO

na Camara dos Deputados

que, nesta materia, exige prova experimental. Só pela acção, em conjunto, dos valores que o compõem, se poderá obter o resultante que marcará, de facto, a sua eficiencia.»

* * *

Do comandante Filomeno da Camara, alta figura do Partido Nacionalista :

—Como o 44.º governo dos adeptos.

* * *

O deputado Ginestal Machado, antigo «leader» nacionalista:

—Não pude ainda encarar o novo ministerio, mas visto de lado e de longe afigura-se-me uma muito fugaz aparencia de governo.

* * *

Ao fim da tarde, chega-nos a noticia de que o deputado sr. dr. Amancio de Alpoim vai mandar ao «Seculo», como suas testemunhas, os srs. coronel Manuel Maria Coelho e dr. Rodrigo Aires, a fim de pedirem áquele jornal uma retratação do que sôbre ele escreveram, ou uma reparação pelas armas.

* * *

Foram proclamados senadores: por Santarem, Luiz de Castro, monarquico; por Moçambique, general Vieira da Rocha, democratico; por Angra de Heroismo, drs. Vicente Ramos e Martins Ferreira, independentes.

Em Belem

Hoje, em Belem, foram os cumprimentos de despedida do ministerio velho; os cumprimentos de saudação ao ministerio novo. Uns e outros ao sr. Presidente da Republica.

Que ele a bem dizer o ministerio velho e o ministerio novo são tão parecidos que quasi não valeria a pena estar a considerar neles diferenças nem de orientação, nem de politica de criterios.

Para o jornalista e valendo como noticia o seguinte: dos nove ministros que se sumiram pela porta que dá ingresso no Salão Vermelho da Presidencia, apenas três saíram. E esses, hemos de confessá-lo, porque o vimos e porque o sentimos, na melhor e na mais estreita camaradagem. Ao meio, o sr. dr. Domingos Pereira, á direita, o sr. dr. João Camoesas, á esquerda, o sr. dr. Augusto Monteiro.

Ministerio novo? Não. Ministerio recomposto.

* * *

Do ministerio cessante, assim se convencionou chamar, o ultimo a chegar, e com grande diferença dos seus colegas, foi o dr. Gaspar de Lemos, que abraçava a pasta da Agricultura e transita agora para a do Comercio.

Dos primeiros a chegar foi o presidente do ministerio demissionario, que se demorou em conversa larga com o sr. dr. Bernardino Machado.

Depois entraram os outros ministros.

Que lhes disse o Chefe do Estado? Mais ou menos o seguinte: que contava com o auxilio, a cooperação, a colaboração politica e parlamentar, emfim, dos que abandonam as cadeiras do poder, tudo em favor dos que as vão ocupar.

E depois de agradecer os serviços por eles prestados á Patria e á Republica, serviços que considera inestimaveis, e de lamentar o seu proposito inabalavel de não continuarem no poder, a todos desejou as maiores felicidades pessoais.

* * *

Entretanto chegavam os novos ministros. A's cinco menos dez, o sr. Catanho de Menezes. A's cinco em ponto, os srs. Antonio Maria da Silva, Santos Silva e Marques Guedes. Este ultimo, que pela primeira vez ocupa tão alta situação, é alvo de atenções e deferencias especiais.

Entram todos no Salão Vermelho. E feitas as despedidas e os cumprimentos necessarios, voltam a avistar-se com o sr. dr. Bernardino Machado os que ainda ha pouco tinham saido da Sala Luiz XV.

A's 5 e 10 saem os ministros demissionarios do Interior, da Justiça e da Instrução Publica. Todos se confessam satisfeitos por se verem livres de tão pesado encargo. Eles tambem teem direito a descansar e a evitar importunos e pretendentes.

* * *

Em seguida aos cumprimentos de Belem, realisar-se-ha o acto da posse. O sr. dr. Domingos Pereira seguiu para a presidencia do ministerio onde aguardará o seu sucessor a fim de lhe entregar a direcção dos negocios publicos.

Esta cerimonia, que será breve, deve iniciar-se por volta das 18 horas.

A sessão

Para abrir, o sr. Alberto Jordão justicou um projecto de lei, alargando as atribuições conferidas aos conselhos escolares dos liceus pela lei n.º 1363 de 1922.

O sr. Joaquim Brandão, tendo diante de si aberta a colecção do «Diario do Governo», justificou um projecto de lei que levantou reparos da extrema direita.

* * *

Uma nota viva no relato põe o sr. Pina de Morais, que disse:

—Protesto contra a arbitraria e inconstitucional medida das autoridades, proibindo um comicio contra as deportações. Aos proceres da Republica eu convido a meditar os exemplos que a historia ensina. Soler disse: As leis são iguais para os homens bons e para os deportados. Estas são as palavras que eu deixo á consciencia dos republicanos.

Depois, analisou um telegrama de Madrid, publicado na imprensa, com a data de 15, e com o visto da censura espanhola, em que se fazem referencias a tratados de arbitragem, «casus belli», conferencia de Locarno, etc.

Depois de fazer a sua leitura, o sr. Pina de Morais a comentar:

—Como V. Ex.ª vê, tem uma importancia gravissima este telegrama; tem mesmo o melindre de afectar a nossa aliança com a Inglaterra. E' muito eloquente, mesmo muito mais eloquente do que a mudês eloquente dos governos...

* * *

O sr. Raimundo Alves, que faz a sua estreia, tem uma voz retumbante.

Depois de ter lamentado, em termos eloquentes, a ausencia do governo, que na Camara deveria estar, comentou assim, pouco mais ou menos, uma noticia em que se dizia irem fechar alguns asilos:

—Então o governo em vez de mandar abrir mais asilos e outras casas de beneficencia, pensa fechar algumas das existentes, quando a vadiagem e a mendigagem são cada vez maiores? Eu chamo para este caso muito grave a atenção da Camara, e estranho que a minoria socialista ainda não tivesse aqui levantado esta questão, que muito interessa ás classes menos abastadas e empregasse o seu tempo a discutir casos que só interessam ás classes burguezas...

O sr. Ramada Curto, interrompendo:

—Para esclarecer V. Ex.ª numa passagem do seu discurso, devo declarar que quanto á «mendigagem» temos um programa definido...

* * *

O sr. Amancio de Alpoim, usando da palavra, declarou:

—Pedi a palavra apenas para declarar que tanto eu como o meu colega Ramada Curto não temos procuração de alguem para tomar parte no processo Angola e Metropole. Quanto ao resto do assunto, será tratado pelas vias competentes.

Na Camara fez-se um sussurro, e pouco depois começou a correr que estava iminente um duelo.

* * *

Agora a Camara, põe-se a contas com o Regimento, coisa de que os deputados ordinariamente não querem saber, mas que lhes serve á maravilha para cobrir faltas e emendar... asneiras.

O sr. Henrique Cabral quere o Regimento alterado, e nessa intenção manda para a mesa um documento em que propõe que se entregue o caso a uma comissão, que o resolverá com a maior brevidade.

E como se trata do Regimento, todos querem tomar a sua fileira, dizendo o que pensam e o que não pensam sobre tão grave e importante materia. E depois de uma batalha incruenta, o requerimento regressou ao quartel, sendo resolvido aproveitar o plano do sr. Henrique Cabral.

* * *

Discutiu-se depois a acta.

Na ordem do dia, começou a apreciar-se uma proposta de duodecimos do ex-ministro das Finanças, para o ano economico futuro.

Parte da Camara diverge da proposta, e o sr. Manuel José da Silva manda para a mesa uma proposta de substituição, mantendo no mês de Janeiro de 1926 o disposto nos artigos 1.º e 5.º do decreto n.º 11.054 de 1 de Setembro de 1925, efectuando-se nas propostas orçamentais para o ano economico de 1925-1926 as alterações necessarias para o cumprimento da lei.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
EXPÕEM NAS SUAS VITRINES AS ULTIMAS CREAÇÕES EM OBJECTOS MODERNOS PARA PRESENTES
50, CHIADO LISBOA